

Um olhar crítico sobre *Angústia*, de Graciliano Ramos

A critical look at *Angústia*, by Graciliano Ramos

Ewerton de Freitas Ignácio *

* Universidade Estadual de Goiás (UEG)

Resumo: Este trabalho tem por finalidade, por meio da referência a textos que tiveram por objetivo analisar o romance *Angústia*, de Graciliano Ramos, traçar um panorama crítico que proporcione uma melhor compreensão do lugar ocupado por esse romance na historiografia literária brasileira. O recorte feito compreende textos publicados desde os anos 1930 – lembrando que a obra foi publicada em 1933 – até meados dos anos 2000. Ressalte-se que nossa preocupação não foi a de esgotar o assunto, mas de proporcionar, com as escolhas dos textos resenhados, novas leituras sobre um dos grandes romances da literatura brasileira do século XX.

Palavras-chave: Graciliano Ramos. *Angústia*. Romance brasileiro. Fortuna crítica.

Abstract: This paper aims, through reference to texts that have aimed to analyze *Angústia*, by Graciliano Ramos, draw a critical overview that provides a better understanding of the place occupied by this novel in Brazilian literary historiography. The cut made comprising texts published since the 1930s - remembering that the work was published in 1933 - until the mid-2000s. We emphasize that our concern was not to be exhaustive, but to provide, with the choices of summarized texts, new readings on one of the great novels of the twentieth century Brazilian literature.

Keywords: Graciliano Ramos. *Angústia*. Brazilian novel. Critical fortune.

Em *O romance da urbanização*, Fernando Cerisara Gil aponta para o fato de que a crítica que se erigiu em torno de *Angústia* obedece basicamente a dois princípios norteadores: ou constituem estudos sociológicos ou de cunho psicanalítico, de modo a se valorizar ora as relações “entre a obra e a sociedade brasileira, ora no sentido de privilegiar os problemas entre a obra e o sujeito” (1999, p. 63).

Complementando a consideração do crítico, cumpre observar que, mesmo os estudos de teor sociológico – a não ser seu próprio trabalho –, não explicitaram claramente as relações entre o narrador-personagem do romance de 1936 e o universo citadino em que sua vivência se insere, não por falta, mas por questão de escolha de enfoque.

Nesse sentido, minha intenção é, por meio desse resgate das considerações críticas sobre *Angústia*, tentar demonstrar que, até o momento, com exceção do trabalho de Cerisara Gil, que alude às relações entre espaço urbano e personagem, nada foi escrito em termos de se analisar o comportamento de Luís da Silva levando em conta as inter-relações que se estabelecem entre tal personagem, de extração rural, imersa num inexorável viver citadino.

Em “Os bichos do subterrâneo” (2006), publicado pela primeira vez em 1964, Antonio Candido afirma que a obra de Graciliano Ramos apresenta três elementos distintos: a série de romances escritos em primeira pessoa – *Caetés* (1933), *São Bernardo* (1934) e *Angústia* (1936), obras em que se nota uma “pesquisa progressiva da alma humana” (p. 93). O segundo aspecto seriam as obras escritas em terceira pessoa: *Vidas secas* (1938), *Insônia* (1947) e, por último, as autobiográficas: *Infância* (1945), *Memórias do cárcere* (1953).

Em seguida analisa brevemente todos os livros que compõem a obra do autor alagoano. No que concerne ao romance de 1936, afirma que, “Técnicamente *Angústia* é o livro mais complexo de Graciliano Ramos” (p. 101), livro cuja narrativa não flui, antes construindo-se aos poucos, fragmento por fragmento.

Ainda em relação à conformação da trama, assevera que há uma tríplice conformação temporal: a referência do narrador-personagem ao seu passado, a deformação dos eventos por sua visão subjetiva e o que disso decorre: um novo modo de se vislumbrar a realidade e de se entrever nesse mesmo real. Daí a “deformação expressionista” (p. 101) que o crítico afirma plasmar o contexto narrativo do romance.

Nesse sentido, Luís da Silva afigura como um ser complexo, em cuja personalidade se nota um desdobramento: de um lado, a necessidade de se ajustar socialmente e, de outro, o ser inadaptado a toda norma. Disso resultaria sua “incapacidade de viver normalmente”

(p. 108).

O ensaio de Antonio Candido ilumina a obra do criador de *Infância*, posto nela apontar o resultado de um procedimento criativo cujo intento maior seria o de testemunhar sobre os dilemas humanos, sem contudo perder de vista as peculiaridades artísticas e poéticas da linguagem, matéria-prima da arte literária.

Olívio Montenegro, em seu *O romance brasileiro* (1938), tece considerações acerca da produção romanesca de Graciliano Ramos.

A respeito de *Angústia*, emite alguns juízos em que se notam algumas restrições: o crítico aponta a pretensa falta de imaginação do autor, bem como postula não haver, nas personagens moldadas pelo contista de *Insônia*, densidade psicológica, e sim a configuração de seres mecânicos, plasmados por um ato criativo simplista.

Desse modo, afirma que as “engrenagens psíquicas em que se enredam os personagens, e principalmente o herói do livro, fazem deles uns autômatos sem mais liberdade que a de um peão no jogo de xadrez” (p. 107).

Nesse sentido, creio que, ao apontar um defeito no romance de 1936, Montenegro acaba por detectar uma qualidade: é evidente que Luís da Silva constitui um ser autômato, de cuja compulsiva coação procura se libertar por meio do crime. A condição de automatismo como aspecto constituinte da conduta da supracitada personagem metaforiza a situação alienante vivenciada por muitos seres em meio às malhas de um contexto urbano impassível e reificador.

Acerca da falta de imaginação do autor, cumpre observar que o ato fabulador de Graciliano Ramos não era limitado, mas se exerceu sob as vistas do consciente, por meio do reaproveitamento de eventos sociais e de fatos vividos. Trata-se de controle e de recriação artística, não de incapacidade imaginativa.

Em relação à carência de profundidade psicológica de suas personagens, julgo ser uma afirmação injusta porque, até mesmo em *Vidas secas*, romance menos subjetivo do que *Angústia*, tem-se um equacionamento íntimo das personagens condizente, diga-se, com sua caracterização anímica, ou seja, a seres simples, o retrato de uma psique igualmente simples e permeada de preocupações de ordem aparentemente rudimentar, o que, inclusive, torna o texto mais verossímil.

Em *A ponta do novelo*: uma interpretação de *Angústia* (1983), Lúcia Helena de Carvalho afirma que, no romance de 1936, ocorre um processo de duplicação interior, na medida em que há histórias dentro da história, na medida em que um mesmo acontecimento reduplicar-se-ia indefinidamente.

Nesse sentido, o crime perpetrado por Luís da Silva, ação nodular, “atrai e irradia

múltiplos episódios” (p. 25) e, dessa forma, a narrativa acaba por girar em torno de seu próprio eixo.

Esse procedimento narrativo, conforme a ensaísta, além de desarticular a linearidade da sucessão cronológica dos fatos, fraciona a mimese, uma vez que desestabiliza o princípio estruturador do discurso ideológico neorrealista, esteticamente pautado pela precisão dos postulados lógicos, e para o qual, ainda, o sujeito cartesiano é bastante valorizado.

Nesse aspecto, a importância e originalidade de *Angústia* repousaria sobre o fato de constituir uma narrativa que leva a cabo um movimento de desvendamento do indivíduo, algo possível graças a um processo narrativo fragmentário e não-mimético. Nota-se que a estudiosa filia o romance, por outras vias, ao filão do romance intimista e introspectivo.

Em *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar* (1986), Fernando Cristóvão, tendo como eixo teórico o modelo analítico de Greimas, investiga toda a obra romanesca do autor de *Caetés*.

No primeiro capítulo, alude aos dois pontos básicos da narração: primeira e terceira pessoas, de modo a evidenciar a aproximação de um e o distanciamento de outro no paralelo memória/ficção, do qual resultaria a perspectiva autobiográfica da obra de Graciliano Ramos.

No segundo capítulo, aborda a questão do tempo e os planos do narrador, demonstrando a predominância do tempo psicológico sobre o cronológico, bem como aludindo à manifestação do comentário de fatos pretéritos em situações do presente narrativo.

No restante da obra, comenta sobre o “sistema narrativo básico” da obra do criador de *Infância*, submetendo-a a uma leitura sob o ponto de vista do modelo actancial greimasiano, demonstrando haver o que denomina de “antinomia fundamental” (p. 281) dos valores na obra de Ramos. Tais oposições seriam do tipo felicidade/desgraça, indivíduo/coletivo, ficção/autobiografia, etc., concluindo que narrar é “conhecer e conhecer-se” (p. 317).

Em relação a *Angústia*, comenta que o processo de enunciação deixa-se pautar pela predominância da representação sobre a narração – na acepção de Todorov –, o que cria um “torpor narrativo” (p. 65) que seria análogo à condição mental do protagonista.

Descontando-se certa rigidez formal, dado o esquematismo estruturalista de que o crítico se vale em seu estudo, há que se considerar a clareza e a objetividade com que elabora suas reflexões.

Em sua tese de doutoramento, intitulada *Do verbo ao texto: uma leitura de Caetés*,

São Bernardo e *Angústia* (1995), Marlene Durigan demonstra, mediante a expressividade das categorias verbais e das técnicas de representação da fala das personagens, que a travessia – da objetividade à subjetividade – empreendida pelo criador de Infância, nos romances *Caetés*, *São Bernardo* e *Angústia*, representa-se pela configuração do próprio discurso.

Trata-se, nesse sentido, de uma abordagem sincrônica, aplicada a um *corpus* contemporâneo, cuja linha principal é a estilística, embora a estudiosa busque elementos de contribuição da Linguística Textual, da Análise do Discurso, da Semiótica e da Teoria da Literatura, correntes teóricas que, antes de se excluírem, acabam por se complementar, no trabalho de Durigan.

No que se refere a *Angústia*, tem-se a comprovação da afirmação segundo a qual o romance é caracterizado pela ênfase ao interior-subjetivo, representado, no plano discursivo, pelo entrelaçamento das categorias verbais e pelo emprego do discurso indireto-livre. Nesse sentido, a obra é intimista e introspectiva graças – também – ao modo como se configura, no plano narrativo, tais categorias discursivas e gramaticais.

O romance da urbanização, publicado por Fernando Cerisara Gil em 1999, constitui o resultado de sua tese de doutoramento, tendo por escopo, por meio da criação de uma nova categoria de leitura do romance brasileiro, a do “romance da urbanização”, analisar três romances, quais sejam *Os ratos* (1935) de Dyonélio Machado, *Angústia* (1936) de Graciliano Ramos e *O amanuense Belmiro* (1937) de Cyro dos Anjos.

O estudioso afirma que, em nosso meio literário, a modernização do contexto urbano deu-se em meio a um quadro que espelha costumes e modos de uma sociedade essencialmente rural, que acabava por cobrar sua presença na realidade social.

Assim é que se compreende o caráter dual do “romance da urbanização”, um dualismo que se define pelo antagonismo de duas perspectivas, a da experiência rural-patriarcalista e a urbana-moderna-burguesa.

Nesse sentido, mesmo pessoas imersas nas malhas de um contexto urbano cosmopolita teriam origem sentimental e espiritual no campo: tais personagens compõem o cenário do “romance da urbanização”, cujo intento seria o de narrar a “transição de um Brasil agrário, latifundiário e patriarcal para um Brasil urbano, em vias de industrialização, já descentrado da figura todo-poderosa do patriarca” (p. 36).

Seres entre dois mundos, não é de se estranhar, portanto, a conduta dessas personagens no contexto narrativo dos romances que se deixam ler por essa categoria: seres cuja trajetória retrata “o processo de desenraizamento e/ou estranhamento diante da realidade” (p. 36).

Nesse aspecto, não seria gratuito o fato de Belmiro recorrer, por meio da memória, a um tempo em que a família, ruralista e endinheirada, a fim de compensar seu presente economicamente modesto no contexto urbano. Em *Os ratos*, haveria a repetição dos medíocres incidentes de Naziazeno em meio a um cenário citadino onde o que importa é a influência do dinheiro.

No que se refere a *Angústia*, Cerisara Gil alude à técnica narrativa da obra, afirmando que, para os padrões literários da época, estreitamente vinculados a um modo neorrealista de representação ficcional, era vanguardista.

Afirma também que, nesse romance, as personagens não têm força de enredo, na medida em que a realidade circundante seria produto da consciência do narrador-personagem.

Em relação à inadaptação de tal narrador ao modo de vida urbano que o cerca, esposa a ideia de que isso se dá como consequência do fato de sua incapacidade de formular juízos lógico-rationais sobre sua própria vida, bem como do fato de se posicionar de modo temporalmente fraturado “entre passado e presente, entre mundo rural e mundo urbano” (p. 85). Nesse contexto, a morte que se lhe afigura como libertação e ato comprobatório de hombridade, nada mais é que a radicalização de sua impotência: não recupera o passado, embora tenha de se espelhar nele para se sentir como o cangaceiro José Baía, nem se realiza em seu presente.

Conclui asseverando que o assassinato cometido contra o rival, embora não o liberte de si mesmo, é o que faz Luís da Silva atar as duas pontas de sua vida: não se trata, no entanto, de um recomeço, e sim do recomeço do cíclico, do aprisionamento circular metaforizado na elaboração da própria trama do romance.

O estudo de Cerisara Gil é importante – também – porque, a partir da análise que realiza desses três romances, demonstra que polaridades como o arcaico e o moderno, o presente e o passado, o universo rural e o universo citadino estão intimamente vinculados à realidade de nosso processo de modernização, de modo a conformar uma realidade que, quando transposta para a ficção, acaba por refletir, no contexto narrativo dos romances, a irresolução dessas contradições como forma mesmo de composição de nossa realidade circundante: contraditória e sempre em processo.

Em posfácio à 56ª edição de *Angústia* (2003), Silviano Santiago afirma que a trama desse romance constrói-se a partir da configuração de um “duplo processo de rememoração” (p. 287) levado a cabo pelo narrador-personagem.

O primeiro processo dá-se por meio da analepse que, textualmente, retrata a vida do supracitado narrador a partir do instante em que trava conhecimento com Marina, ao passo que o segundo seria produto das lembranças de sua vida pregressa, passada no

campo.

No que concerne à sua caracterização psíquica, o crítico assevera que “Revoltado com o estado das coisas e entusiasmado pela transformação revolucionária da sociedade, Luís tinha se desligado da vida familiar e rural para assumir ‘vida de cigano’” (p. 289).

Parece-me, contudo, que Luís da Silva não se “desliga” de um modo de vida familiar e campestre: tal modo é, antes, a prefiguração de algo que lhe é, desde cedo, interdito, qual seja o convívio com a família e mesmo o convívio em meio a um cenário bucólico, uma vez que a propriedade rural de seu avô sequer chega às mãos de seu pai, via herança. Acredito, nesse sentido, que o narrador-personagem imiscuiu-se no contexto urbano menos por desejo do que por uma necessidade vital de tentar a sobrevivência.

Em 1977, sob a direção de Afrânio Coutinho e organização de Sônia Brayner, publicou-se o segundo volume da Coleção Fortuna Crítica, pela Civilização Brasileira, tendo como objeto de análise a produção de Graciliano Ramos. O que segue é a resenha de textos que, compilados nesse volume, têm por finalidade tecer comentários sobre *Angústia*. Indicarei, após o título dos referidos textos, o ano de sua primeira publicação.

Otto Maria Carpeaux, em “Visão de Graciliano Ramos” (1943), elabora considerações acerca do estilo do autor de *Vidas secas*.

Para o crítico, a obra desse escritor reflete sua meticulosidade, na medida em que ele busca registrar apenas o que é essencial, valendo-se para tanto de uma linguagem enxuta, objetiva, mas sem deixar de lado o aspecto poético da linguagem.

Cita apenas de passagem *Angústia*, aludindo à trama narrativa – o fim que retoma o começo – para afirmar que isso constitui “um mundo fechado em si mesmo” (p. 30).

Afirma, ainda, que os heróis de Graciliano são essencialmente egoístas e, nesse sentido, o ciúme de Luís da Silva, que o leva a perpetrar o crime contra seu rival, seria reflexo desse “extremo egoísmo” das personagens do autor de *Quebrângulo*.

Em “Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisidor” (1948), Wilson Martins assevera que o que distingue o autor de *São Bernardo* como um grande escritor é o seu estilo, entendido aqui não só como o resultado da seleção e combinação de temas, mas também como concepção do romance e como fruto de uma mundividência específica.

Afirma, nesse sentido, que o “Bem” e o “Mal” encontram-se em simbiose na obra de Ramos, uma vez que acaba sendo tomado pelo outro, tal como os valores humanos “se misturam de tal modo com os valores legítimos que já não sabemos hoje o que é bom e o que é ruim” (p. 41).

Nesse contexto, caberia a reflexão de Luís da Silva, acerca de que “Um crime, uma ação boa, dá tudo no mesmo. Afinal já não sabemos o que é bom e o que é ruim, tão

enleados vivemos” (p. 40).

Em relação a *Angústia*, termina por concluir que Julião Tavares é um “símbolo moral”. Como reflexo de uma sociedade em que os valores são transitórios e se confundem, concepção defendida pelo crítico, acredito que a figura de Julião é menos um “símbolo moral” do que um emblema social: ao assassiná-lo, Luís da Silva dá vazão a um sentimento de ódio que na verdade dirige a todos quantos, de uma forma ou de outra, detêm o poder de que ele é destituído.

É de Nelly Novaes Coelho “Solidão e luta em Graciliano” (1964), ensaio em que realiza uma leitura da obra romanesca do autor de *Insônia* tendo como eixo de reflexão a constante presença da solidão e da luta no contexto narrativo de tal obra.

Dessa forma, segundo a estudiosa, se as personagens por eles plasmadas constituem seres exacerbadamente solitários, há, no entanto, uma constante luta “pela afirmação da própria individualidade” (p. 61).

Novaes Coelho, a exemplo de Otto M. Carpeaux, tece comentários sobre o tema do egoísmo na ficção de Ramos, afirmando que tal egoísmo não seria a “mola propulsora do comportamento” (p. 62) das personagens, e sim uma das decorrências do estar só perante o mundo.

Cita brevemente *Angústia*, postulando que, conquanto o narrador-personagem tente ver-se longe do isolamento interior, não consegue se comunicar plenamente, o que fica patente com o malogro de seu relacionamento com Marina: a perplexidade, a decepção e o sofrimento interpuseram-se entre a idealização e a realidade e, como consequência, tem-se a radicalização da solidão.

Em “Graciliano Ramos” (1965), Carlos Nelson Coutinho, recorrendo aos postulados de Lukács acerca da homologia entre forma romanesca e estrutura social capitalista, defende a ideia de que a ficção do criador de *Memórias do cárcere* contempla todo o “processo de formação da realidade brasileira contemporânea” (p. 73).

É ainda recorrendo a Lukács quando afirma que Luís da Silva é um legítimo representante do conceito de “herói problemático”, visto que essa personagem porta traços do caráter ambíguo, autêntico e ao mesmo tempo degradado e individualista da figura de tal herói.

Já que vive um real aterrador, o papel das fantasias de Luís da Silva seria o de espelharem o desejo de evasão de um “herói problemático” frente à realidade de um mundo alienante, em cujo interior ele não seria mais um ser humano.

Acerca do drama circunstanciado nas páginas de *Angústia*, afirma, ainda, que se daria em razão da “contradição, que se estabelecia em nosso País, entre uma sociedade

semi-colonial em decadência e o desenvolvimento de elementos capitalistas” (p. 104).

Embora não aprofunde essa consideração na análise do romance de 1936, parece-me claro que o conflito vivenciado pelo narrador-personagem de tal romance se dê justamente por esse fato: ser uma pessoa de raízes bucólicas a viver, sem dinheiro, no contexto citadino, disso decorrendo frustração e conflito de valores.

Em “Retorno a Graciliano” (1972), Hélio Pólvora faz uma leitura da obra de Graciliano Ramos, estabelecendo como fulcro da reflexão a questão do “memorialismo” que perpassa tal obra.

A propósito de *Angústia*, afirma que o romance constitui o relato de um “enfestado”, fruto de um amálgama de João Valério, nas veleidades literárias, e de Paulo Honório, nos rompantes de violência.

Em seguida aponta, no supracitado romance, alguns trechos que o autor retira de eventos acontecidos em seu passado.

Nesse sentido, assevera que Luís da Silva “não é um homem anônimo dentro da multidão. É uma multidão dentro de um só corpo” (p. 130). Termina por afirmar que o romance de 1936 constituiria o retrato de uma “intensa e dorida sociologia nordestina” (p. 131).

Sem desconsiderar as palavras do crítico, creio que o drama relatado nas páginas desse romance, embora possa aludir de modo não explícito a determinado contexto sócio-histórico, é, antes, o retrato do sofrimento e da frustração do homem que se encontra irremediavelmente aprisionado, tanto em si mesmo quanto nas malhas de um reificante contexto citadino, de modo que o aparentemente particular é, sobretudo, o universal.

Como fizera Hélio Pólvora, Otávio Faria, em “Graciliano Ramos e o sentido do humano”, também de 1972, comenta sobre a importância do memorialismo na tessitura narrativa dos romances do autor alagoano.

Afirma, nesse sentido, que o caminho mais seguro para uma correta compreensão da obra do criador de *São Bernardo* seria a leitura de *Infância*, posto que, nessa obra, ter-se-ia “a criação levando ao criador e o criador levando à criação” (p. 175), uma vez que o “sentido do humano”, que acompanhou o autor por toda a vida, revelar-se-ia na narrativa de seus primeiros anos, na medida em que tal sentido adviria do contato das pessoas com as quais o escritor, quando menino, conviveu.

Cita muitíssimo brevemente *Angústia*, apenas para afirmar que a voz que se faz ouvir no contexto desse romance seria o eco da memória, tanto de fatos oriundos da vida do romancista quanto fatos ficcionais, pertencentes ao passado de Luís da Silva.

O objetivo de Massaud Moisés, em “A gênese do crime em *Angústia*, de

Graciliano Ramos” (1953), é o de “explicar o crime que Luís da Silva pratica” (p. 221), por meio da averiguação dos motivos que teriam conduzido tal personagem a perpetrar o assassinato contra seu rival, Julião Tavares.

Partindo do pressuposto de que “a origem do ato deva estar no seu íntimo-causas interiores” (p. 222), o crítico assevera que o narrador-personagem do romance de 1936 dá vazão a seu instinto assassino por duas razões: por conta de uma “tara hereditária”, que o faz encarar o sexo de modo não natural, e de uma “educação mal orientada” (p. 222).

Após essa constatação, cita episódios da infância da personagem homicida, como as perdas familiares e sua criação em meio a um universo em que violência era algo corriqueiro, bem como, na transição para a idade adulta, o surgimento de complexos de cunho sexual, elementos que, somados, constituiriam um aparato psíquico cuja configuração faz com que Luís da Silva fique disposto no centro de um círculo vicioso, de maneira que seus recalques aflorem em indignação e violência contra a figura do outro.

Embora aluda a Freud para comentar a “morbidez sexual” que julga inerente ao comportamento do narrador-personagem, as considerações do crítico permanecem extremamente vinculadas aos pressupostos naturalistas, o que, segundo creio, faz com que se busque apenas no passado motivos que também se encontram no presente da supracitada personagem.

Nesse sentido, o homem desprezado por Marina assassina o rival não somente por uma dada condição atávica ou por sua criação, mas fundamentalmente por se sentir ludibriado em seu momento presente. Parece-me que ele não era um assassino em potencial, um ser predisposto para o crime, como faz crer o ensaio de Moisés, tanto que chega a adoecer após ter perpetrado tal ato. Nesse aspecto, embora o crítico busque no passado da personagem elementos que possam inspirar e corroborar o assassinato que ela comete, a necessidade de se perpetrá-lo surge menos como a concretização de distúrbios hereditários e de uma educação deformada do que uma forma de escape da situação de dor e frustração inerente ao seu viver na cidade, o que se radicaliza com a perda da noiva.

Em “Os ritmos da emoção” (1964), Rolando Morel Pinto discorre sobre a questão temporal como importante aspecto constituinte de toda a ficção do ficcionista de São Bernardo.

Partindo da suposição de que em todas as narrativas de Graciliano Ramos ouvir-se-ia as badaladas do relógio “assinalando momentos de tensa expectativa” (p. 261), em relação a *Angústia*, especificamente, afirma que isso também se faz notar, uma vez que, em determinado trecho, o desequilíbrio mental de Luís da Silva irrompe após a alusão ao fato de que, na sala, ouviam-se as batidas de um relógio.

A questão do tempo, personificada ao marcar temporal do referido relógio, surge,

para a vivência do narrador-personagem, como algo dúplice: um “instrumento de tortura”, mas também como uma “necessidade vital para a sobrevivência” (p. 267), na medida em que a consciência da temporalidade não o abandona, mesmo que potencialize seu sofrimento.

Digna de nota é a consideração que o crítico efetua entre a alternância entre tempo psicológico e cronológico no contexto narrativo do romance. Assim, se no passado Luís da Silva perdia-se nas asas da lembrança e da imaginação, encontrando certo consolo em suas projeções, o segundo tempo, o das horas cronometradas, sempre acaba por trazê-lo de volta à realidade, extremamente cerceadora e angustiante.

Leônidas Câmara, em “A técnica narrativa na ficção de Graciliano Ramos” (1966), começa por afirmar que, dos quatro romances do autor de *Caetés*, três são narrados pela personagem central, seres atormentados, com um viver limitante e enredados tanto em seus dramas pessoais quanto no anelo de criar uma obra literária.

No que concerne ao romance de 1936, assevera que é “o mais introspectivo e puro dos romances do autor” (p. 280); defendendo, ainda, a ideia de que narrativa e expressionismo se misturam no contexto narrativo de tal romance, visto que realidade seria – também – recriada pela perspectiva do narrador-personagem.

Tributário de Antonio Candido, ao aludir à “visão expressionista” que subjaz à criação de *Angústia*, este ensaio lembra também as considerações do crítico de *Tese e antítese* quando Câmara afirma haver dois planos em tal romance, o da sensibilidade do narrador-personagem e o da realidade da vida “autômata” que o circunda, em cujas relações estaria a gênese do aludido ponto de vista expressionista.

Finaliza afirmando que esse romance é essencialmente introspectivo, na medida em que “centraliza todas as coisas no quadro do embate psíquico do personagem narrador”. (p. 308).

Em “Graciliano Ramos” (1975), Franklin de Oliveira afirma que a obra do criador de *São Bernardo* seria “descarnada como o Nordeste, cuja áspera paisagem física, social e humana se identifica através de verdadeiro processo de empatia, com a concisa prosa de Graciliano Ramos” (p. 310).

Ao aludir aos limites das abordagens críticas unilaterais, assevera que o escritor de Quebrangulo pagou caro por isso, já que muitas análises sobre sua obra centraram-se no psicologismo ou no sociologismo, fazendo destacarem mitos como o de seu “pessimismo radical” e de seu “negativismo orgânico” (p. 312).

Em seguida faz referência ao “problema do amor” na obra de Ramos, considerando esse tema como o eixo de sobre o qual gira um dilema “nuclear do relacionamento

humano” (p. 314).

Conclui, acerca disso, que os descaminhos da linguagem, que se efetivam nos diálogos da produção romanesca do contista de *Insônia*, fazem com que suas personagens não conheçam o amor, nem que se conheçam plenamente uns aos outros. E, se amor não existe, seria também por conta de uma estrutura social que acaba por desnaturar o amor.

Embora não cite explicitamente o romance de 1936, refere-se ao desencontro amoroso entre Luís da Silva e Marina, que seriam, juntamente com Paulo Honório e Madalena, João Valério e Luísa, parte de uma galeria de seres ficcionais que não conhecem o amor.

Nesse sentido, embora critique a visão estreita de alguns estudos de cunho sociológico sobre a obra de Graciliano Ramos, acaba por condicionar o que denomina de desencontro amoroso, no contexto de tal obra, a problemas de ordem social e, implicitamente, econômica, do que, a rigor, não discordo.

O último ensaio que resenharei, dessa Coleção, é de sua organizadora, Sônia Brayner. Intitulado “Graciliano Ramos e o romance trágico”, foi escrito em 1973 e, nele, a ensaísta remonta às considerações aristotélicas segundo as quais a épica e a tragédia estão numa mesma mimese para, depois, tecer considerações sobre *Angústia*, romance que, para ela, comportaria elementos trágicos pelo fato de concentrar uma crise humana, personificada em Luís da Silva, num momento em que o “mundo ameaça desabar por estar minado o princípio diretor e a lógica que o sustentava” (p. 205), aparato que se verifica na tragédia clássica.

Acerca do assassinato que a supracitada personagem comete, considera-o como “catártico”, uma vez que tal ato surge como uma purgação para as humilhações sofridas, embora seja algo “inútil”, conforme declaração da própria personagem. Apesar da catarse, o narrador-personagem continua a ser um vencido.

Acerca da relação entre o referido narrador e o universo da escritura, visto que ele se dedica a escrever, assevera que tal relação acentua a solidão do indivíduo, na medida em que aparece, no contexto da obra, como decorrência da “impossibilidade de um encontro satisfatório com outro ser humano” (p. 213).

Finalizando, a ensaísta postula que o romance de 1936 encerra “uma aproximação à aporia proposta por todas as situações trágicas” (p. 215), na medida em que, para alcançar liberdade, Luís da Silva “esmaga a do outro, eliminando-o pelo crime” (p. 215).

Vale ressaltar, nesse sentido, dois aspectos: primeiro, que a liberdade de que nos fala Brayner seria menos a concretização de um desejo do narrador-personagem do que uma sua pretensão, e, em segundo lugar, embora a ensaísta não se utilize deste termo,

parece-me claro o fato de ela ter aludido ao esmagamento da alteridade, o que se verifica não só em *Angústia*, mas também em toda a produção romanesca do autor de *São Bernardo*, de tão profunda e realisticamente humana que ela é.

Esse caráter humano da prosa de Graciliano, um autor em cuja escrita realidade e ficção, vivência e literatura se fundem em nome da arte, nos parece ser o principal motivo de interesse, por parte de estudiosos da literatura, em abordá-la em ensaios, artigos e trabalhos acadêmicos. Tais estudos favorecem, também, a manutenção e a continuidade de *Angústia* – bem como do restante da produção do criador de *Caetés* – no cânone literário brasileiro, um lugar ocupado, de fato, por merecimento.

Referências

BRAYNER, Sônia. Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Coleção Fortuna Crítica 2).

CÂMARA, Leônidas. A técnica narrativa na ficção de Graciliano Ramos (1966). In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Coleção Fortuna Crítica 2).

CANDIDO, Antonio. Os bichos do subterrâneo. In: _____. *Tese e antítese*. 5. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 93-110.

CARPEAUX, Otto Maria. Visão de Graciliano Ramos (1943). Reimpresso em *Angústia*. Graciliano Ramos. 13. ed. São Paulo: Martins, 1970. p. 5-16.

CARVALHO, Lúcia Helena. *A ponta do novelo: uma interpretação de Angústia*. São Paulo: Ática, 1983.

COELHO, Nelly Novaes. Solidão e luta em Graciliano Ramos. In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Coleção Fortuna Crítica 2).

COUTINHO, Carlos Nelson. Graciliano Ramos. In: *Literatura e Humanismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

CRISTÓVÃO, Fernando. *Graciliano Ramos: estrutura e valores de um modo de narrar*. 3. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

DURIGAN, Marlene. *Do verbo ao texto: uma leitura de Caetés, São Bernardo e Angústia*. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual

Paulista, Assis, 1995.

GIL, Fernando Cerisara. *O romance da urbanização*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

MARTINS, Wilson. Graciliano Ramos, o Cristo e o Grande Inquisidor. (1948). In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Coleção Fortuna Crítica 2).

MOISÉS, Massaud. A gênese do crime em *Angústia*, de Graciliano Ramos. In: *Revista da Faculdade de Filosofia, Ciência e Artes*. Assis, 1953.

MONTENEGRO, Olívio. *O romance brasileiro*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1938.

OLIVEIRA, Franklin. Graciliano Ramos (1975). In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Coleção Fortuna Crítica 2).

PINTO, Rolando Morel. Os ritmos da emoção (1964). In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Coleção Fortuna Crítica 2).

PÓLVORA, Hélio. Retorno a Graciliano. (1972). In: BRAYNER, Sônia (Org.). *Graciliano Ramos*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1977. (Coleção Fortuna Crítica 2).

RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 56. ed. São Paulo: Record, 2003.

SANTIAGO, Silviano. Posfácio. In: RAMOS, Graciliano. *Angústia*. 56. ed. São Paulo: Record, 2003. p. 287-300.

Recebido em 10 de novembro de 2013.

Aceito em 20 de dezembro de 2013.

EWERTON DE FREITAS IGNÁCIO

Docente do Curso de Letras e do Mestrado Interdisciplinar em Educação, Linguagem e Tecnologias (MIELT), da Universidade Estadual de Goiás (UEG). Mestre e Doutor Literaturas em Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP – São José do Rio Preto), com estágio pós-doutoral em Literatura Brasileira pela mesma universidade. E-mail: ewertondefreitas@uol.com.br.